

Passos da Ilha



Copyright © 2020, Luciana Nemer.

Copyright © 2020, Editora Milfontes.

Av. Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória - ES, 29070-053.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
- Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
- Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
- Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
- Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
- Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
- Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
- Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University)
- Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
- Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
- Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
- Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca)
- Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
- Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
- Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
- Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
- Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP)
- Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
- Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)

LUCIANA NEMER

Passos da Ilha



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Luciana Nemer - *Imagens*

Arí Thiersch Souza - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N433p NEMER, Luciana.

Passos da ilha/ Luciana Nemer.

Vitória: Editora Milfontes, 2020.

178 p.: 20 cm.

ISBN: 978-65-86207-43-9

1. Arquitetura 2. Habitação 3. Urbanização I. Nemer, Luciana
Ferreira II. Título.

CDD 728.00

Dedicatória

À aquele que sempre incentivou minha caminhada

João Diniz



Agradecimentos

Ao Professor Nelson Porto Ribeiro – meu líder no GPTA - UFES.

À Antônio Carlos Mosquito – IPHAN/ES,

À Ewerton Nicolau e Vadilson Malaquias – Arquivo do Município de Vitória,

À Ivana Araújo e Thiago Alves – Arquivo do Estado do ES,

À Evaldo Portela e toda equipe do Museu Solar Monjardim,

À José Bortolini – Biblioteca Pública Estadual do ES,

À Carlos Teixeira de Campos Júnior pela cessão de imagem,

À Cilmar Franceschetto pela cessão de imagem,

À família Guimarães pela cessão de imagens,

À família Sarkis pela cessão de imagem,

À família Rocha apud Malvares, pela cessão de imagem,

Ao INOCOOP ES pela cessão de imagens.



Sumário

PREFÁCIO	11
-----------------------	-----------

INTRODUÇÃO	13
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

VILA RUBIM, O BAIRRO POPULAR DE VITÓRIA: DA CIDADE DE PALHA À CIDADE DE TIJOLO	25
---	-----------

<i>Vila Rubim – o Bairro Construído.....</i>	<i>29</i>
--	-----------

<i>Vila Rubim – o Bairro Sonhado.....</i>	<i>38</i>
---	-----------

CAPÍTULO 2

VILA OSCARINA, RESIDÊNCIA LUXUOSA EM VITÓRIA: INÍCIO DO SÉCULO XX.....	49
---	-----------

<i>A Construção sob Encomenda</i>	<i>51</i>
---	-----------

<i>O Proprietário.....</i>	<i>55</i>
----------------------------	-----------

<i>A Vila Oscarina.....</i>	<i>57</i>
-----------------------------	-----------

<i>A Vila Oscarina após 1920</i>	<i>65</i>
--	-----------

CAPÍTULO 3

HABITAÇÃO COLETIVA NO CENTRO DE VITÓRIA – ANOS 30, 40, 50 E 60.....	73
--	-----------

<i>Edifício Antenor Guimarães.....</i>	<i>83</i>
--	-----------

<i>Edifício Avancini.....</i>	<i>85</i>
-------------------------------	-----------

<i>Edifício Galvão.....</i>	<i>87</i>
-----------------------------	-----------

<i>Edifícios da Construtora Del Mar.....</i>	<i>88</i>
--	-----------

<i>Edifício Rocha</i>	<i>96</i>
-----------------------------	-----------

<i>Edifício Sheratan.....</i>	<i>99</i>
-------------------------------	-----------

<i>Edifício Alfa</i>	<i>100</i>
----------------------------	------------

<i>Edifício Martélia</i>	<i>101</i>
--------------------------------	------------

CAPÍTULO 4

SOLAR MONJARDIM: DA CASA COLONIAL A CASA MUSEU	103
<i>História da Construção</i>	<i>104</i>
<i>Reformas e Restaurações</i>	<i>113</i>
<i>Dos programas distributivos e ambientes – da sede da fazenda à casa museu</i>	<i>117</i>

CAPÍTULO 5

OS CONJUNTOS HABITACIONAIS DO INOCOOP E A FORMAÇÃO DO BAIRRO JARDIM DA PENHA.....	135
<i>A Formação do Bairro Jardim da Penha</i>	<i>137</i>
<i>A Localização do Bairro Jardim da Penha.....</i>	<i>141</i>
<i>Os primeiros anos do Bairro Jardim da Penha</i>	<i>146</i>
<i>A Atuação do INOCOOP no Bairro Jardim da Penha</i>	<i>149</i>
<i>Crescimento, Desenvolvimento e Gentrificação</i>	<i>154</i>
<i>Os Conjuntos do INOCOOP – ES hoje</i>	<i>158</i>
RESULTADOS DESTA CAMINHADA	163
REFERÊNCIAS:	169

Prefácio

Prefaciар o livro de Luciana Nemer é uma honra e um prazer e ao mesmo tempo uma tarefa desafiante.

Natural de Volta Redonda expandiu suas atuações acadêmicas para Niterói e ultimamente para Vitória. Graduou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), tornando-se mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense (1995) e doutora em Engenharia de Produção pela COPPE - Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Desafiada pela curiosidade científica cursou o Pós-Doutorado no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (2016). Neste aprofundar foi seduzida pelas histórias e memórias da nossa cidade de Vitória, aqui se instalou e realiza Pós-Doutorado no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, conciliando suas atividades como professora de graduação do Departamento de Arquitetura e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade federal Fluminense.

Conheci Luciana ainda nos primeiros momentos de sua paixão por Vitória, que acompanho a partir de um artigo sobre a Villa Oscarina, depois apreciando seus livros “*Centro de Vitória: habitação social ontem e hoje*” e “*Rio de Janeiro: 100 anos de habitação popular*” e neste momento, acompanhando seus “*Passos da Ilha*”.

Ler “*Passos da Ilha*” é aprender e apreender a nossa história a partir da arquitetura da cidade, edificada para atender

necessidades estratégicas, usos e costumes e interpretação das pessoas que a pensaram, construíram e habitaram. É passear também por um universo temporal que registra os momentos de construção, reforma e alterações de destinação, que em algumas situações, trouxeram perdas e alteraram a configuração da cidade.

E assim, partindo da Vila Rubim com todas as suas transformações históricas, passa-se pelo Bar Santos e Mar e Terra e sem esquecer da Santa Casa, chega-se ao Parque Moscoso. Neste particular, Luciana nos apresenta a sua evolução, fazendo uma parada obrigatória na Villa Oscarina e o seu requinte arquitetônico e nas demais edificações. Seguindo na direção norte esta bela leitura apresenta a região da Praça Costa Pereira, o histórico Largo da Conceição. Continuando os “*Passos da Ilha*” chega-se à Jucutuquara para apreciar o Solar Monjardim com sua rica história. E finalmente, seguindo os passos na direção norte, chega-se à Jardim da Penha, que a autora apresenta por meio de um viés mais contemporâneo, forma única, reforçando a preocupação que demonstra em toda a sua obra com a habitação popular.

É um livro imperdível para profissionais, estudantes e amantes da nossa querida cidade de Vitória.

Mariza Neves Guimaraes

Introdução

Este livro é fruto de uma paixão que não me deixou ir embora mesmo depois de ter finalizado meu Pós-Doutorado em 2016, e esta paixão se chama Vitória. Acredito ser este meu encantamento pela cidade que me fez e me faz percorrer ruas e bairros buscando casas, moradias e habitações coletivas que contam para mim a formação do município, como se as imagens e a vivência do espaço falassem aos meus ouvidos por onde caminhar. E é uma caminhada de apreciação de toda sua beleza, questionamentos sobre a conservação e entendimento que o melhor está sendo feito. Vitória preserva a sua história através de iniciativas governamentais e outras vezes pelo discernimento dos moradores que, com zelo, continuam a aformosear fachadas e jardins. Nesses passos que o leitor dará pela Ilha nas próximas páginas poderá conhecer as delicadezas, nuances e detalhes de três bairros da cidade e duas representativas residências.

A redação, iniciada em 2016, foi caminhando tendo como ponto de partida o Centro com a sua História da Habitação Coletiva, um “filhote” do meu livro lançado em 2018 - *Centro de Vitória: Habitação Social Ontem e Hoje*, com as habitações que não foram fruto de iniciativas governamentais, e, portanto sem cunho social para que fossem inseridas na referida obra. Estes edifícios, no passado registrados por Carlos Teixeira de Campos Júnior foram visitados, descritos e fotografados no presente.

Em seguida foi a Vila Oscarina, residência voltada para o Parque Moscoso que muito me atraiu desde 2014, sendo uma das primeiras fotografadas por esta pesquisadora. Sua história

só foi possível pelo auxílio do Arquivo do Estado do ES, que ao me apresentar a Mariza Neves Guimarães, descendente de Antenor Guimarães – o grande empresário e pioneiro na construção civil no município, permitiu a redação de uma história rica em relatos orais.

Voltar o olhar para Vila Rubim foi tarefa encantadora, assim como percorrer suas ladeiras, em pleno verão de 2017, à procura de conjuntos de habitação coletiva, já que se tratava do primeiro bairro popular de Vitória: a Cidade de Palha. Desta forma foi descoberto belíssimo casario em alvenaria, com cores cintilantes e riqueza de detalhes em suas fachadas.

Meu fascínio pela moradia, e com olhar atento para a habitação social me levou para além da ilha, meus passos se dirigiram para o continente, onde através de rica pesquisa documental nos arquivos, bibliotecas e no INOCOOP, acrescida sim de muita caminhada pelo bairro pude aprender e apreender Jardim da Penha.

De volta à ilha de Vitória revisitei o Solar Monjardim, residência da tradicional família e hoje um Museu Casa. Minha pesquisa neste rincão capixaba iniciou em 2014, na busca de imagens do bairro de Jucutuquara para a pesquisa do Pós-Doc que realizava do PPGAU (Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo) da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo). Na misteriosa camarinha, após vencer a escada irregular de madeira, em muitas caixas, e acompanhada por cuidadosa funcionária do local, tive o privilégio de examinar as fotografias da família. Voltei a este casarão colonial em 2017. Agora o motivo era pesquisar o edifício e seus detalhes construtivos, estes me estimularam a elaborar aquarelas de sua arquitetura emoldurada pela vegetação. Entre traços e pinceladas aprendi ainda mais do prédio. Após apresentar à comunidade científica entreguei

o trabalho ao museu. A história levantada registra dados da família, da ambientação, da técnica construtiva, das restaurações e do paisagismo.

O livro está dividido em cinco capítulos e como numa caminhada organizada vamos chegar a Vitória pela ponte Florentino Avidos e avistar o bairro Vila Rubim. Assim no primeiro capítulo conhecer-se-á a Vila Rubim, o Bairro Popular de Vitória: da Cidade de Palha à Cidade de Tijolo. O bairro localizado no centro da cidade de Vitória, data do início do século 20 e consegue reunir em suas estreitas ruas, culturas, credos e raças distintas. A pesquisa em Vila Rubim contribuiu para a história da habitação na área central de Vitória próxima à região portuária procurando através da cronologia da ocupação da área entender o presente a partir da continuidade reconhecida neste espaço através do tempo. Também foi possível registrar a existência dos traçados originais das vias, de residências centenárias e demais remanescentes da cultura local.



Imagem 1: Casas na Rua São Gabriel em Vila Rubim. Fonte: Nemer, 2017.

No segundo capítulo o leitor terá a oportunidade de conhecer a Vila Oscarina. É o momento de adentrar na residência, perceber a riqueza de seus detalhes e ouvir o início da história da família Guimarães. A cidade de Vitória teve a sua primeira grande transformação urbanística na virada do século XIX para o XX. Na região hoje conhecida como Parque Moscoso, um grande aterro proporcionou a instalação de um novo bairro. A área passou a abrigar as mais luxuosas residências da cidade, dentre elas a Vila Oscarina, que foi construída por Antenor Guimarães, um próspero empresário, para residência de sua família. O imóvel foi erguido por mão de obra local e estrangeira contando com a habilidade de pintores italianos e o uso de material de construção importado e neste capítulo será apresentado os materiais de construção e acabamentos, esses influenciaram e influenciam na durabilidade do imóvel, no entanto, a questão da permanência e da conservação dos mesmos é avaliada em função da transformação de uso ocorrida nos anos 70. A edificação é objeto de refinado gosto e preciosismo arquitetônico e, a qualidade da mão de obra, especializada, contribuiu para a manutenção de suas características. A indicação como imóvel a ser preservado foi fundamental para a manutenção das fachadas e da cobertura permitindo a salvaguarda do bem. A Vila Oscarina constitui-se um clássico remanescente residencial da produção arquitetônica capixaba da primeira metade do século XX o que enfatiza sua relevância.



Imagem 2: Vila Oscarina. Fonte: Nemer, 2014.

A partir dos anos 30 do século passado o Centro de Vitória vai conhecer o processo de verticalização; essa história é contada no capítulo três com imagens atuais da autora que, através de seus passos, e com olhar cuidadoso reconheceu os edifícios apresentados na obra *A História da Construção e das Transformações da Cidade*.

A segunda grande transformação na área central de Vitória, após o aterro do Campinho, é atribuída à substituição de antigas construções por edificações residenciais coletivas verticalizadas. O primeiro edifício de Vitória, construído na década de 30, representa a entrada do capital privado no desenvolvimento imobiliário. A princípio construídas para que suas unidades fossem alugadas e gerassem renda para os proprietários foram em um segundo momento vendidas e necessariamente financiadas pelas construtoras. A partir de então, a habitação anteriormente feita sob encomenda, passa a ter valor de mercadoria. A implantação dos edifícios residenciais na cidade representa uma marcha na direção horizontal da ilha de Vitória e no sentido leste, acompanhando a mancha urbana em evolução, ocupando os terrenos vazios da

recém-urbanizada região da Praça Costa Pereira. Interessante ressaltar que, contrária à implantação das habitações unifamiliares, as multifamiliares verticalizadas realizam um movimento de ocupação inverso: partem da região da Praça Costa Pereira e posteriormente seguem em direção à região do Parque Moscoso demandando a demolição de antigos casarões para a sua construção.



Imagem 3: Edifício na Rua Sete de Setembro. Fonte: Nemer, 2015.

O número de pavimentos dos prédios no Centro, inicialmente três, chegou a dezoito numa forma de criar solo, adensando e verticalizando o bairro histórico, mudando a paisagem da ilha. Com o aterro da Esplanada Capixaba e do Bairro Bento Ferreira foi possível prolongar por alguns anos a ocupação da área central com atividades administrativas,

comerciais e moradia. Nesse período ainda existia a convivência de classes sociais nos mesmos bairros. Nos anos 70 a necessidade de expansão das atividades administrativas do poder público, a instalação de empresas bem como a demanda de habitação para a classe média e alta se concretiza nos bairros da Enseada do Suá, Santa Helena e Praia do Canto, finalizando a marcha no sentido leste dentro do perímetro da ilha. Nestas novas áreas e sobre o traçado do Projeto do Novo Arrabalde vão surgindo edifícios comerciais, administrativos e residenciais que revelam um novo momento econômico. É de vez decretada a “falência da área central”. A descentralização e a polinucleação da cidade reduziram a importância do bairro.

O planejamento urbano e a elaboração do primeiro Plano Diretor do Município em 1984 foram propulsores para a melhoria da qualidade de vida na região e a participação popular com vistas à valorização do patrimônio histórico e à revitalização da área central. O PDU de 1984 dedica seção específica à área do Centro da cidade. Segundo Botelho em meados de 2003 já era perceptível os resultados do esforço de revitalização no centro como fachadas desobstruídas e recuperadas assim como equipamentos públicos e a paisagem renovada junto às escadarias do Palácio Anchieta e a área do porto.¹ Neste período, já havia sido publicado o segundo Plano Diretor (1994) e a Agenda 21 que realizava o planejamento de 1996 a 2010 considerando a identificação e a proteção de prédios de valor histórico pelo Projeto de Revitalização do Centro Histórico de Vitória.² Em 2002, é publicado o Projeto Vitória do Futuro revisando o plano 1996-2010, esse propõe um alcance até 2015. Somente no terceiro Plano Diretor,

1 Cf. BOTELHO, Tarcísio R. Revitalização de Centros Urbanos no Brasil: uma Análise Comparativa das Experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. *Revista Eure*, Santiago de Chile, v. 31, 2005, p. 60.

2 PREFEITURA Municipal de Vitória - PMV. **Vitória do Futuro**: agenda 21 local/2000. Vitória, 2000, p. 77.

no capítulo sobre Políticas Urbanas, surge a proposta de Requalificação dos Imóveis Vagos para o uso Habitacional de Interesse Social.³

O quarto capítulo visita o Solar Monjardim que teve sua origem como sede da Fazenda Jucutuquara cujo proprietário foi o capitão Francisco Pinto. A residência começou a ser construída no final do século XVIII e teve sua obra concluída em 1805. Em 1816 a propriedade passa a pertencer à família Monjardim, por ocasião do casamento de Ana de Paula, filha do capitão, com o Coronel José Monjardim. Devido ao fato de Saint- Saint-Hilaire, naturalista francês, ter se hospedado na propriedade no início do século XIX, informações importantes foram registradas: o viajante descreve uma encosta onde abaixo da casa do proprietário encontram-se o engenho e as choupanas dos negros, lembra ainda a influência dos métodos jesuítas no plantio. Até a década de 40 do século passado o Solar continuou sendo utilizado como residência, no entanto, foi através de venda e partilha de partes das terras da fazenda que se formou o bairro de Jucutuquara. O imóvel foi tombado em 25 de outubro do mesmo ano pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Em 1952, o conjunto foi alugado ao governo do Estado do Espírito Santo e o Solar passou a abrigar o acervo do antigo Museu Capixaba, que funcionava desde 1939 sediado no antigo Quartel da Polícia Militar. Em 1966 concretizava-se a transferência do Museu Capixaba e do Museu de Arte Sacra, que funcionava na Capela de Santa Luzia desde 1945, para a UFES (Universidade Federal do Espírito Santo); esta unificou ambos formando o Museu de Arte e História e iniciou processos de desapropriação que foram concluídos doze anos depois. O museu foi reaberto em 1980 e em 1981 foi doado pela UFES ao IPHAN. Vinte anos depois

3 PREFEITURA Municipal de Vitória - PMV. **Plano Diretor de Vitória** – Lei 6725. Vitória, 2006, p. 247.

a universidade transferiu também a gestão do museu para o DEMU (Departamento de Museus do Iphan). Neste período o IPHAN realizou obras de restauração o que ocasionou o fechamento à visitação do mesmo. A questão da transformação de uso também é considerada, pois a casa abrigou o Museu Capixaba, o Museu de Arte e História e na administração do IPHAN, o Solar foi fechado para restauração reabrindo em 2003. O edifício é atualmente um museu-casa, ambientado como uma moradia rural do século XIX. Sob a competência do IPHAN novamente foi realizada a restauração do Solar, a construção de um anfiteatro e o tratamento paisagístico, estes já aprovados junto a PMV (Prefeitura Municipal de Vitória) desde 1986. A partir de 2009, passou a ser administrado pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) sendo o único museu federal em Vitória vinculado ao Ministério da Cultura.



Imagem 4: Museu Solar Monjardim. Fonte: Nemer, 2017.

Sua arquitetura é típica do período colonial, com características da casa rural mineira e da bandeirante. Sua fachada principal é voltada para a baía, o que caracterizava o controle das terras e propiciava maior ventilação, adaptando a construção ao clima. O solar é atualmente

mobiliado de acordo com uma casa de fazenda do século XIX, e seus cômodos foram definidos a partir dos usos e das noções de convívio social e de privacidade no ambiente familiar. O capítulo relata o histórico do imóvel, as transformações em planta e na volumetria e também apresenta os materiais de construção e acabamentos através de um mapeamento interno e externo. As fundações e os pilares do Solar foram feitas em pedra e cal, as paredes de pau-a-pique, com reboco de cal, areia e barro, a cobertura com telhas cerâmicas artesanais sobre estrutura de madeira, e os pisos, forros, janelas e portas em tábuas largas e grossas. Também foi levantada a sua documentação, as obras de restauro realizadas e o estado de conservação atual. O solar é considerado um dos melhores exemplares da arquitetura rural do litoral sudeste do Brasil.

A caminhada, então, chega ao momento dos passos mais largos, saindo do Solar Monjardim pegaremos a Avenida Maruípe, que também possui representantes habitacionais de distintos períodos, e, através da Ponte da Passagem chegaremos ao primeiro bairro formado na área continental da nossa Vitória. No quinto capítulo ver-se-á que o Bairro Jardim da Penha foi formado a partir da necessidade de produção de moradias financiadas para atender a demanda gerada pelo processo de industrialização emergente nos anos 60. Nele, o Instituto INOCOOP, produziu desde a sua formação até os dias atuais, casas e edifícios que se reunidos formam uma grande e jovem cidade, com 40 mil moradias. A leitura deste capítulo permitirá conhecer a produção do instituto no bairro. Os sete conjuntos por ele construído: Jardim Solar, Bancários, Olympus, Camburi Astral, Jardim Capital, Bancários II e Camburi dos Estados, todos com edifícios de quatro pavimentos, possuem plantas semelhantes e são distribuídos entre praças e ruas diagonais.



Imagem 5: Conjuntos do INOCOOP na Rua José Neves. Fonte: Nemer, 2016.

O bairro e os prédios, objetos de pesquisa de campo, tem mostrado no presente a vocação para a classe média, no entanto, alguns edifícios apresentam estado de conservação que remete a classes menos abastadas. Ainda assim, comprova-se com imagens do local a tendência de se desfazer a ideia de conjunto habitacional. O texto resgata a história de Jardim da Penha e registra características dos conjuntos após quarenta anos.

